



Frank Lloyd Wright e Le Corbusier: mestres sem diploma

A competência esquecida

■ Em um país onde milhões não têm teto, constituintes votam pelo privilégio ao condicionar à posse do diploma o ato de erguer casas

José Zanine Caldas

ESTE é o tempo em que as árvores aqui em Paris perdem as folhas. Olhar pela janela, no início do outono parisiense, é um espetáculo estranho para um brasileiro acostumado a árvores sempre verdes. A enciclopédia emprestada por um amigo francês, aberta em cima de uma mesa de carvalho, também é interessante. Diz que a palavra grega *arkhitektan* é formada por *arki* (primeira, principal, encabeçante, chefante) e *tekton* (operário, em particular carpinteiro), que vem do verbo *tektein* (produzir, dar à luz).

Lúcio Costa definiu a arquitetura como sendo "antes de mais nada construção, mas construção concebida com o propósito primordial de ordenar o espaço para determinada finalidade, visando determinada intenção plástica". As palavras arquiteto e arquitetura só apareceram na língua portuguesa, com maior divulgação, no fim do século passado. Ouro Preto, Mariana, São João del Rey, Olinda e o Pelourinho, em Salvador, não foram construídos por arquitetos, porque o que havia era mestre-de-obra e construtor, e mais tarde o engenheiro construtor.

O Partenon, construído entre 483 e 477 aC, pelos mestres-de-obra Ictinas e Calicrate, e pelo escultor Fídias, continua em Atenas até hoje como um monumento à arte de construir.

A arquitetura, diz meu amigo francês, nasceu muito antes da universidade, que funciona sob uma obra arquitetônica. No Fórum romano, começado por Julio Cesar em 46 aC, havia prédios para a administração do império, templo, praça pública, senado, tribunal. Nenhuma universidade. Não saíram da universidade os construtores dos belos templos de Quetzalcoatl, no centro de Tenachtitlan, no México.

Fala-se hoje da integração da universidade à comunidade. A arquitetura sempre foi básica para a comunidade. As palavras economia e ecologia vêm do grego *aikos*, que significa casa. Casa e casar não soam igual à toa. São atos fundamentais do ser humano. Reproduzir a espécie e construir um abrigo nunca precisaram ser ensinados em sala de aula.

Nasci em Belmonte, no sul da Bahia, que era rodeada de grandes florestas há setenta anos atrás. Nunca pensei em ser arquiteto. Cresci fascinado com gente que faz coisas. Que transforma árvores em mesas, cadeiras, colheres de pau, portas, janelas e gamelas, panos em roupas, couros em sapatos, plantas em comida, papel e tinta em desenhos e poemas. Vi

que tudo ia parar dentro de um abrigo protegido do sol e da chuva, que dificultava o trabalho do pequeno ladrão e onde as pessoas moravam, criavam filhos, que se casavam e saíam em busca de outra casa.

Construir casas é coisa que sei fazer. Aprendi durante toda uma vida. Fui conhecer casas na China, na África e aqui na Europa. Minha escola foi a obra e a maquete. Nunca senti necessidade de outro tipo de aprendizado. Os livros de arquitetura são livros de arte, com plantas, textos e fotos que alargam o conhecimento, mas não ensinam o essencial: fazer uma casa surgir debaixo do sol, de dentro da confusão de uma obra, que é campo de batalha da luta de classes.

A dificuldade de fazer maquete, uma casinha de brinquedo a ser imitada por uma casa de verdade, serve como primeiro aviso ao construtor sobre o que vai enfrentar na prática. Digo construtor, porque é ele realmente quem faz a casa. A maioria dos arquitetos diplomados pela universidade brasileira, com formação muito teórica, tem grande dificuldade em construir. Muitos nunca se tornaram construtores, ficando apenas como desenhistas de nível superior.

O mais importante arquiteto americano, nascido em 1867, começou sua obra revolucionária a partir da construção de sua própria casa em 1895. Morreu em 1958 mundialmente respeitado, porque teve a sorte de nascer num país sem CREA: Frank Lloyd Wright não tinha diplomas.

Já vimos que a nova constituição do Brasil dará certo em muitos artigos inviáveis e pouco respeitáveis. Um desses artigos, certamente, será o do condicionamento profissional única e exclusivamente ao diploma.

Em 1905, aqui na França, um garoto de 17 anos construiu uma casa para um professor e compreendeu que a arquitetura é feita com materiais e por operários. Dois anos depois largou a oficina de pintura de caixas de relógio, onde trabalhava desde os 13, e foi para a Itália. Como não havia CREA para denunciá-lo e processá-lo, tornou-se conhecido como Le Corbusier, o pai da arquitetura moderna.

Se aos sindicatos e associações interessa formar cidadãos, conscientes do seu papel de ponta, eles terão uma reivindicação mais ampla, a defesa da cidadania. Diploma não pode ser porta de entrada única para o exercício profissional. Talentos devem ser reconhecidos. As grandes descobertas acontecem fora das universidades. Todas vieram, no entanto, enriquecer as academias, que criaram, para recebê-las, títulos como **notório saber**.

Há repartições municipais que examinam e aprovam projetos, e, terminada a obra, há fiscais que a vistoriam para dar o **habite-se**. Se uma casa cair, um espetáculo raro, que geralmente aparece na televisão, há o sistema judiciário para julgar, com base no Código Penal, e o sistema penitenciário para hospedar, no meio dos outros bandidos, o construtor. Como saber quem construiu? Pelos recibos da obra.

Havia placas do CREA no desastre da Gameleira, no viaduto Paulo de Frontin e no prédio que caiu recentemente em Belém do Pará. Não havia na igreja do Pilar e na igreja de São Francisco, em Ouro Preto, que continuam de pé, assim como não havia no estádio do Maracanã e na usina siderúrgica de Volta Redonda, obras de que fiz as maquetes. Nos EUA, desde os anos 70, a troca de profissão na meia-idade tornou-se normal. Um coronel da USAF pode tornar-se arquiteto na sociedade americana, que busca a competência.

Disseram que a arquitetura e a engenharia são profissões que ferem e matam as pessoas. Mentira. Profissão perigosa é a de cozinheiro, que, se não mata, engorda. Ou a de policial, que usa arma na rua. Desde quando se pede diploma universitário para policiais e cozinheiros? A profissão que realmente fere e mata no Brasil é a de motorista, que também não precisa de diploma para ser praticada na via pública. Nossas vidas estão nas mãos de choferes de ônibus e de pilotos da aviação comercial, cujas falhas matam muito mais do que as de um cirurgião na sala de operações.

A arquitetura evoluiu durante milênios sem precisar de universidade. Continua evoluindo fora dela, nos laboratórios de materiais de construção, nos gabinetes dos banqueiros, na competição da indústria e do comércio, nos meios de comunicação que imprimem no comportamento novos pontos de vista e novas vontades.

Aprender arquitetura tridimensionalmente em oficinas e laboratórios de maquetes seria um modo de salvar a formação profissional dos arquitetos brasileiros, que saem da universidade sabendo falar de arquitetura e fazer desenhos, sem saber o essencial do nosso ofício: construir.

Limitar o exercício do ato de construir a arquitetos diplomados, num país que deve a seu povo milhões de casas, é simplesmente proteger privilégios.